

5 Considerações Finais

A sociedade ocidental contemporânea tem passado por intensas modificações no campo político, social, cultural e econômico; isso porque a estrutura produtiva mundial vive uma intensa reestruturação desde o final do século XX, e tem influenciado diretamente na produção e reprodução do espaço. Consequentemente, também influi nas formas de organização e reprodução do trabalho. Essas transformações na organização da produção e na gestão da divisão do trabalho, ao longo das últimas décadas, têm repercutido em mudanças na organização das empresas e promovendo, com novas roupagens, antigas formas de trabalho que auxiliam a reprodução do capital, como o trabalho em domicílio, por exemplo.

Nova Friburgo, mesmo que de forma mais tardia, participa diretamente dos efeitos dessas mudanças reestruturantes do capital. O município concentra a maior produção de moda íntima do país, e sua expansão ocorreu a partir da década de 1980, quando grande parte dos operários locais foram dispensados de suas funções devido ao fechamento de diversas indústrias que sofriam com a crise estrutural que assolada o mundo produtivo desde a década de 1970. Desde então, a produção de moda íntima de Nova Friburgo é formada majoritariamente por trabalhadoras domiciliares, sendo a produção da região composta por uma gama bastante heterogênea de formas de organização e gestão do trabalho. Em meados da década de 1990, a produção de Nova Friburgo ganhou destaque, e projetos de implementação de um Arranjo Produtivo Local na Região se concretizaram.

No entanto, ao longo da nossa pesquisa de campo, percebemos que as políticas públicas de organização de um APL na região expressam o interesse do mercado, dos atores globais, da ordem distante, que não necessariamente condizem com os interesses da maior parte da população e trabalhadores locais. O discurso institucional do APL não necessariamente representa a realidade da produção local, tanto que grande parte dos trabalhadores e pequenos produtores não adotam esse discurso, que ao mesmo tempo é uma expressão nítida da

reestruturação produtiva e da adoção de modelos de acumulação mais flexíveis, que mesclam o estímulo à introdução de novas tecnologias e a permanência de relações de trabalho instáveis, desregulamentadas e precárias.

Vimos que as atuais características produtivas, denominadas de “especialização flexível”; de “sociedade da informação” (KUMAR, 1997); de “acumulação flexível” (HARVEY, 2006); dentre outras, também têm como uma das características o surgimento/expansão de novas tecnologias, principalmente as informacionais, por estar na fase do “meio técnico científico informacional” (SANTOS, 2008). No entanto, os produtores que surgiram no início da década de 1980 até meados da década de 1990 em Nova Friburgo tinham pouco ou nenhum acesso a novas tecnologias. A introdução de inovação tecnológica passou a ocorrer mais intensamente após a identificação da produção da região como um Arranjo Produtivo Local e a sua participação em projetos de desenvolvimento. Contudo, percebemos que o aumento de incentivos não é sinônimo de uma difusão igualitária do acesso às novas tecnologias, tanto que não abrange a maioria dos produtores e trabalhadores da região, demonstrando que as técnicas são difundidas de forma desigual pelo tempo e pelo espaço.

É claro que não podemos negar que a produção de moda íntima é um importante gerador de empregos em Nova Friburgo. Além disso, as confecções influem no crescimento (surgimento) de muitos outros tipos de negócios, gerando “braços” de indústrias e negócios, como por exemplo, fábricas de lacinhos, de embalagens, empresas de modelagem, de limpeza, entre outras, o que dinamiza a economia do município. Nesse sentido, ao longo da pesquisa, identificamos que o que vem promovendo o crescimento econômico na região não é mais a força da grande indústria motriz, como ocorria no passado, mas sim a recomposição do trabalho feminino domiciliar, uma característica pré-industrial que se expressa com nova roupagem na atualidade.

A produção realizada por mulheres em domicílio é uma das características mais importantes da moda íntima de Nova Friburgo e, nesse contexto, percebe-se que existe uma razão dualista em tal produção. As trabalhadoras, em sua maioria, têm chagas do passado, como tecelãs pré-industriais, mas na verdade não são vestígios do passado, porque representam o lado menos evidente da tal modernização seletiva, ou seja, evidenciam a redinamização do passado com novas vestes do futuro do trabalho. Assim, esse modelo produtivo domiciliar

mostra a face mais dura da “acumulação flexível” de David Harvey (2007), subsidiada pela noção de precarização do trabalho, de Ricardo Antunes (2009). Geograficamente, como símbolo desse novo tempo, emerge relações produtivas outrora pensadas ultrapassadas.

O trabalho feminino em domicílio permite a integração entre o espaço da vida e do trabalho, configurando espaços híbridos, e apesar de, na maioria das vezes, prevalecerem as relações de vizinhança e de parentesco na organização do trabalho, são precárias as suas condições, ocorrendo diversas formas de exploração nessas relações. Os diversos trabalhos de campo ao primeiro distrito do município de Nova Friburgo e ao bairro de Olaria, e o consequente contato com os diversos atores envolvidos na produção (com destaque para as trabalhadoras diretamente ligadas ao setor de confecções de moda íntima) nos permitiu identificar os principais tipos de organização do trabalho que envolve a produção, assim como perceber como essas mulheres vivem as mudanças no mundo do trabalho, que resultam profundas transformações em suas vidas.

Além de uma grande empresa voltada para a produção de moda íntima em Nova Friburgo (*Triumph S/A*), identificamos uma gama de micros, pequenas e médias empresas que organizam suas produções de diversas formas:

1º- produção em confecções formais- domiciliares ou não- de médio e pequeno porte de empresas com marcas próprias, com padrão mais moderno, que exportam para todo o Brasil e/ou outros países;

2º- empresas de pequeno porte que prestam serviço para outras empresas como montadoras das peças íntimas. Essas são, na verdade, “confecções” informais conhecidas como facções, onde a produção é normalmente realizada no domicílio do dono do negócio; e

3º- as novas microfaccões baseadas no “MEI”, também informais, que seriam mulheres que produzem em domicílio prestando serviço para outras micro e/ou pequenas confecções e/ou facções. Em uma escala de dependência, essas mulheres são o elo mais fraco.

Para facilitar a explicação, denominamos o primeiro caso de Confecções, o segundo de Facções Tradicionais e o terceiro de Novas Microfaccões. Em todas essas formas de organização da produção há a presença da informalidade nas

relações de trabalho, mesmo entre empresas formalmente cadastradas (Confecções), que, dependendo da demanda, recorrem aos serviços prestados pelas Tradicionais Facções ou as “Novas” Microfacções. No entanto, as relações de informalidade e até ilegalidade são mais intensas nas duas últimas organizações destacadas aqui. No caso das Tradicionais Facções e, em menor escala, algumas pequenas Confecções, foram constantes os relatos de que muitas estão se transformando em intermediárias, que dispensam seus funcionários e, ao receberem a encomenda de uma contratante, também contratam o serviço de costureiras em domicílio, as chamadas por nós de “Novas Microfacções”. Essas costureiras são, na verdade, mulheres altamente exploradas, mal remuneradas, sem nenhuma segurança, que arcam com as despesas de produção e acabam adoecendo devido à intensa jornada de trabalho, ao concorrerem umas contra as outras em busca da própria sobrevivência.

Como vimos ao longo do terceiro capítulo, as relações e condições de trabalho estabelecidas em nossa empiria estão envoltas por um alto grau de precariedade, pois a exigência por produtividade, as formas desregulamentadas de produção, as atividades repetitivas, a falta de segurança e cuidados têm gerado, dentre outros problemas, a expansão de problemas de saúde, tanto físicos como emocionais, nessas trabalhadoras em domicílio.

Concordamos com LEOPOLD (2005) que afirma que o trabalho ainda tem um papel central na organização e articulação do sentido do espaço da vida cotidiana, possui uma identidade, pois constroi espaços de permanência, que são reais e simbólicos. Nesse sentido, o trabalho é mais do que um sustento econômico; ele auxilia na formação da personalidade e na introdução do ser na sociedade. Sendo assim, ele deve favorecer as relações interpessoais e a criação de associações que possibilitem aproveitar a capacidade de transformação social. No entanto, no caso do trabalho produtivo em domicílio, o trabalho se confunde com a reprodução da vida, e a mulher fica ainda mais restrita ao privado, ao individual. Ou seja, seus espaços de reprodução são limitados, dificultando muito as relações que possam resultar em uma consciência de classe trabalhadora.

No caso das costureiras da moda íntima friburguense há uma constante criação, destruição e recriação de suas identidades como importantes contribuidoras para o crescimento econômico e social do município. Essas mulheres, que por vezes expressam certa autoestima e autovalorização, por

manterem suas famílias através de seus trabalhos produtivos e de serem responsáveis pelo destaque da produção da moda íntima da região, recaem em sentimento de desânimo e desvalorização provocado pelas próprias condições e relações sociais de trabalho precárias em que estão envolvidas. Nesse sentido, ao longo da pesquisa, percebemos também que as formas de viver o tempo e o espaço estão diretamente ligadas às questões de gênero. As mulheres trabalhadoras em domicílio acabam apresentando uma apropriação do espaço menor do que a maioria dos homens, até mesmo entre aqueles que também realizam seu trabalho em domicílio. Sendo assim, não podemos ignorar a divisão sexual do trabalho ao analisarmos as mudanças decorrentes da reestruturação produtiva, principalmente em uma realidade como de Nova Friburgo.

Baseamo-nos em Hirata (2005), que afirma ser a questão sexual um conceito diretamente ligado à divisão social do trabalho. É fundamental considerarmos as mulheres como atores sociais através de uma noção de relações sociais sexuadas, posto que a divisão sexual do trabalho é apenas um dos aspectos das relações sociais sexuadas, visto que esta última tem a totalidade das práticas como campo de aplicação.

A informalidade, a precarização e a fraca estabilidade de muitas das trabalhadoras em domicílio de Nova Friburgo demonstrou uma questão fundamental, que é a necessidade de criar formas de proteção para esta parcela da população, a qual é ativa, mas que não possui relações de trabalho formais. Como o trabalho informal cresce consideravelmente desde 1980, faz-se necessário discutir mais profundamente sobre essas relações desprotegidas de trabalho, criando formas de seguridade a essas trabalhadoras. A proposta do MEI pelo governo pode ser uma dessas estratégias, mas não tem contribuído, pois o que se expande não são essas organizações formais, mas sim uma cópia desse modelo adotando um perfil informal, com práticas ilegais. Assim como afirma Lavinas et al (2000), grande parte da mão-de-obra ocupada hoje no Brasil não tem nenhuma proteção, devido à distância entre as práticas sociais e a legalidade. Sendo assim, é fundamental não só a manutenção e ampliação das garantias dos direitos dos trabalhadores tradicionais, como a criação de formas de regular e assegurar direitos aos “não assalariados”, os informais que crescem consideravelmente no mundo atual.

Neste momento, não temos uma resposta pronta para atender essa demanda, mas acreditamos que para um primeiro passo é fundamental que os projetos relacionados à produção de moda íntima envolvam uma gestão coletiva do espaço. Os trabalhadores e pequenos produtores desse ramo de confecções locais, que são intensamente explorados pelo capital, devem ter o direito a uma participação significativa na produção desse espaço, participando mais ativamente da formulação dos projetos que os envolvem. Entendemos que é através da *ordem próxima* (do *espaço vivido*, do *lugar*, o *relacional*, ou seja, o espaço do cotidiano, do dia-a-dia) que surgem reais possibilidades de se manter ou criar uma outra sociedade. A *ordem distante* (marcada pelas *representações do espaço*, pelo *espaço de desbloqueio*) é a dimensão que está diretamente relacionada ao mundo globalizado, aos fluxos, às instituições hegemônicas que possuem poder, mas na *ordem distante* nada ocorre, posto que necessita de uma materialidade para existir, e, assim, a *ordem próxima* e a *ordem distante* se encontram nas práticas espaciais.

A dimensão do lugar (do espaço diretamente vivido) pode tanto viabilizar as decisões impostas pelas *representações do espaço*, promovendo assim a manutenção e a reprodução da ordem vigente, como pode, de alguma forma, estabelecer uma resistência e uma possível transformação. Harvey (2007) nos explica que as práticas espaciais e temporais estão diretamente ligadas aos processos de reprodução e de transformação das relações sociais. Nesse sentido, a história da mudança social está ligada às concepções de espaço e tempo e suas respectivas ideologias, ou seja, para ocorrer uma transformação da sociedade é necessária uma modificação nas concepções e práticas espaciais e temporais.

Percebemos, por exemplo, que na rotina diária das práticas espaciais do município de Nova Friburgo existe uma certa noção de representação espacial (muito marcada inicialmente pela crise estrutural do sistema fordista e posteriormente pela necessidade de uma produção mais flexível) que possibilitou a construção de espaços de representações próprios, evidenciados pela busca de sobrevivência através da transferência da confecção para as residências. Entendemos, então, que o espaço da moda íntima friburguense é dinâmico, está em constante construção. Ele não está restrito ao aspecto econômico da produção e nem apenas às determinações da ordem distante, pois resulta, também, do cotidiano da vida nas cidades. O espaço é um mediador, ou seja, tanto é produzido

pela sociedade como influencia na sua produção, é fruto de contradições, posto que é intencional e não neutro.

Compreender o espaço dessa forma possibilita entender o seu possível caráter transformador. Transformador sim, pois concordamos com Goldman (1972) que afirma que não há uma separação radical entre teoria e prática, pois o simples desenvolvimento das ciências humanas, por ser um conhecimento do mundo, transforma a sociedade. O cientista faz parte da sociedade no momento em que reflete suas aspirações, suas problemáticas. Sendo assim, todo desenvolvimento de uma afirmação tem caráter prático. Santos (2008), por exemplo, explica que nos dias atuais muitas ações aparecem distantes espacialmente do homem (comandante da ação) e do lugar (de onde o comando da ação sai), visto que há uma distinção entre a escala de realização da ação e a escala do seu comando, pois o processo de globalização demonstra que há uma “vontade” de “unificar” o mundo a partir da associação entre grandes corporações e utilização intensa de tecnologia. No entanto, as horizontalidades e as realidades do espaço podem impedir essa homogeneização. É fundamental ressaltar que é na *ordem próxima* (no domínio do cotidiano, que envolve os *espaços de representações*, as *horizontalidades*) que é possível uma real transformação da sociedade, como afirma Lefebvre (1991, 2008).

Concordamos com Raul Vaneigem (2002), que afirma que na vida cotidiana pode ocorrer a reprodução dos interesses hegemônicos, mas que também é no cotidiano que a tomada de consciência pode ganhar valor de ação essencial e, para ocorrer uma real transformação, é fundamental que as classes exploradas se afirmem como sujeito social e político, promovendo uma transformação de baixo para cima.